CONFIDENCIAS D'UM JUIZ...

Os Crimes da Formiga Branca

O ASSALTO AO Tribunal de Santa Clara

1.ª edição

PREÇO 50 RÉIS

CAS MUNICIPAIS DE LISBOA
4

Impresso nas Officinas Graphicas
Rua do Poço dos Negros, 81 – LISBOA

3920

Editor: Victor Alcantara

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

39 20 M

OS CRIMES

DA

FORMIGA BRANCA

Confidencias veridicas e sensacionaes
d'um Juiz de Investigação

INV509555

Publicação semanal em
folhetos de 16 paginas.

1915
OFICINAS GRAFICAS
Rua do Poço dos Negros, 81, 1.º
LISBOA

343.34
CRI

— Sômos bons republicanos que conduzimos para Lisboa dois sindicalistas presos por terem querido matar, na Praia das Maçãs, o sr. Afonso Costa.

Um murmurio surdo de colera fez éco a estas palavras pronunciadas pelo José França Borges que vinha no automovel dos presos.

— Onde estão eles? onde estão eles? perguntaram algumas vozes ao passo que o automovel era rodeado por essa multidão de saloios cujas caras patibulares, á luz viva dos faróes do auto, lembrava alguma d'essas antigas quadrilhas de bandoleiros postas em embuscadas á espera da presa.

— Estamos prontos — disse o Gaião baixinho para o Granjo — olhando com espanto para esse quadro pouco animador. — Os malandros são capazes de nos matar á cacetada.

O administrador de Cintra, que se apeara n'esse momento do outro automovel e se abeirara do França Borges, disse-lhe então, piscando maliciosamente os olhos e sacudindo toda a sua pequenina e insignificante figura de *parvenu* da Republica.

— Acho melhor ir um pouco adiante, que pensas?

— Sim, talvez! observou-lhe o cumplice. — e como se esta resposta fosse uma especie de *mot d'ordre*, o administrador afastou-se, indo parlamentar a distancia com alguus dos individuos que pareciam sêr os chefes do estranho grupo.

Instantes depois redobravam as ameaças, o automovel era envolvido por todos os lados, começando uma scena de espancamento brutal nas pessoas indefezas dos dois prisioneiros, os quaes nem sequer tinham os braços para se defenderem das cacetadas á cara e á cabeça que a horde feroz ululante lhe despedia raivosamente.

Quem comandava o grupo era o celebre regedor de Alcabidéche o falado assassino do Torquato.

Então o Lucio entreveio gritando ironicamente:

— Basta rapazes, que elles já teem a sua conta,

Supunha-os mortos naturalmente, pois tanto o Gaião como o Granjo ao receberem as pancadas, volvendo a cada insulto novo insulto e bradando-lhes: que eram uns cobardes, os podiam matar mas unicamente por ali estarem amarrados e sem acção, agora já não falavam e apenas uns rugidos surdos lhes sahiam dos labios sanguinolentos.

Os automoveis seguiram apoz esta scena canibalesca a direcção de Lisboa.

O Gaião, voltando a si, a meio do caminho continuou os seus insultos e como o automovel que conduzia o administrador se encontrasse n'esse momento junto ao d'ele, o Lucio com voz melifula interrogou-o então.

— Mas o que foi isso?

— Então você seu pulha não sabe o que mandou fazer? O que você é é um miseravel e um cobarde como vocês todos são.

— Em chegando a Lisboa curam-se e ficam logo bons, verão — respondeu-lhe unicamente o administrador, tão insensivel aos insultos como ao estado dos desgraçados.

— O Alberto Correia — advertiu ainda — já seguiu sob boa escolta para Lisboa e vocês vão direitinhos d'aqui ao hospital da Estrella.

Efectivamente perto das 3 da madrugada estacavam os automoveis ao portão de ferro do dito hospital.

*

* *

Dias depois ia o Alberto Correia visitar os presos ao hospital e ignorando ainda que eles já estivessem ao facto da sua traição, pretendeu fazer-lhes crêr que se tinha podido sahir da cadeia sob fiança o devia apenas á amisade d'uma alta individualidade politica de quem era amigo, o seu patrão. O Gaião porem respondeu-lhe logo.

— Você é tão caixeiro como eu. O que você é é um refinadissimo pulha, um formiga que nos trahiu por dinheiro, tão miseravel que ainda tem o descaramento de nos aparecer aqui como amigo.

O Correia porem nem ouviu o final, pois logo ás primeiras palavras do Gaião, vendo-se descoberto, abalou prudentemente pela porta fóra.

Outra visita porem, consolou os dois infelizes da repugnante figura do delator, e foi a cara longa e alourada do nosso conhecido Rapoza, o qual quasi enlouquecera de raiva ao saber, no dia seguinte, da horrivel aventura succedida aos dois amigos que ele julgara salvar. Foi por ele que os dois souberam mais tarde que o Alberto Correia, logo no dia em que sahira do Governo Civil, correra á Praia das Maçãs, desenterrara a mala do local onde na noite do atentado a encondera, na areia, e a levara com trofeu e prova do seu heroismo, a casa do Affonso Costa, o qual, segundo ele lhe devia a vida, sendo pois por esse facto uma especie de salvador da Republica.

Mas o mais interessante foi a resposta dada no tribunal de Santa Clara — pelo João Duarte, o indigitado chefe do *complot* — ao juiz Costa Santos, creatura

escrava de Affonso Costa, juiz processado por abuso de poder, sentença confirmada depois pela Relação de Lisboa, quando este interrogando-o no tribunal lhe perguntara: se sim ou não ele mandara matar o Affonso.

— Eu! sr. juiz, fez o Duarte com o maior dos espantos. Então v. ex.ª julga-me assaz imbecil para mandar matar um cadaver em putrefacção? Eu não senhor, o que mandei foi remover o cadaver cá para Lisboa, afim de se lhe fazer uma rigorosa autopsia legal e queimar-lhe depois a carcassa para que essa materia em decomposição não envenenasse toda a cidade.

Como se sabe João Duarte. Gaião o Granjo e os demais foram absolvidos por unanimidade o que prova plenamente ter sido a historia d'este *complot* forjado pelos maioraes da formiga para maior gloria de Affonso Ligorio VII!...

O assalto ao Tribunal de Santa Clara

(Chacina frustrada)

Soavam no meu relogio de parede as doze horas quando a minha criada me preveniu de que alguem me desejava falar com urgencia.

Mandei entrar e confesso têr um sobresalto de espanto ao vêr tão de manhã entrar no meu escriptorio o mais incorrigivel noitivago dos meus antigos contemporaneos de Coimbra, o A...(1) romancista, e revolucionario que a exemplo das aves nocturnas fazia da noite dia e vice-versa.

— Tu por aqui e a estas horas? — fiz eu com espanto.

— Nem mais, meu velho, e se hoje tive a coragem de me pôr fora da cama a semelhante hora, é porque o favor que tenho a pedir-te é dos mais urgentes.

— Senta-te e fala claro — respondi-lhe — pois bem sabes que estou sempre ás tuas ordens como velho amigo de Coimbra embora o não sejamos em politica.

Ele sorriu-me, passou a mão pelo cabelo louro contestando-me:

— Rasão porque vim, pois sei que és meu amigo. Ora na verdade eu preciso de ti e para um caso bem interessante. Imagina que tu vaes ajudar-me, embora isto te pareça espantoso, a salvar a vida a alguns individuos ameaçados de morte.

---

(1) Este meu amigo, tornou publico n'um seu artigo publicado no «Intransigente», em agosto de 1913, o caso a que hoje me refiro.

— De morte?

— Sim, pela formiga branca.

— Diabo! exclamei comigo mesmo ao ouvir o nome da famosa associação. Como é que este poude saber que eu me ocupo d'essa quadrilha ou isto será apenas um mero acaso?

— E porque razão me procuras tu a mim para tal negocio e não te diriges á policia?.

— A' policia! aos juizes! — fez ele com ironia e desprezo. — Acaso não sabes tu tão bem como eu, que o Affonso tem tudo na mão e de que a formiga é quem por ele vela, de quem portanto necessita para se aguentar no poder e para executar todas as macabras combinações que o seu cerebro defeituoso germina sem escrupulo.

Tu, pelo contrario, despiste a toga para a não manchares como tantos outros teem feito perante as imposições d'esse *parvenú* ambicioso e cruel, logo poderás sêr o meu melhor auxiliar contra essa quadrilha de bandidos que deshonram não só a republica como o paiz onde nasceram.

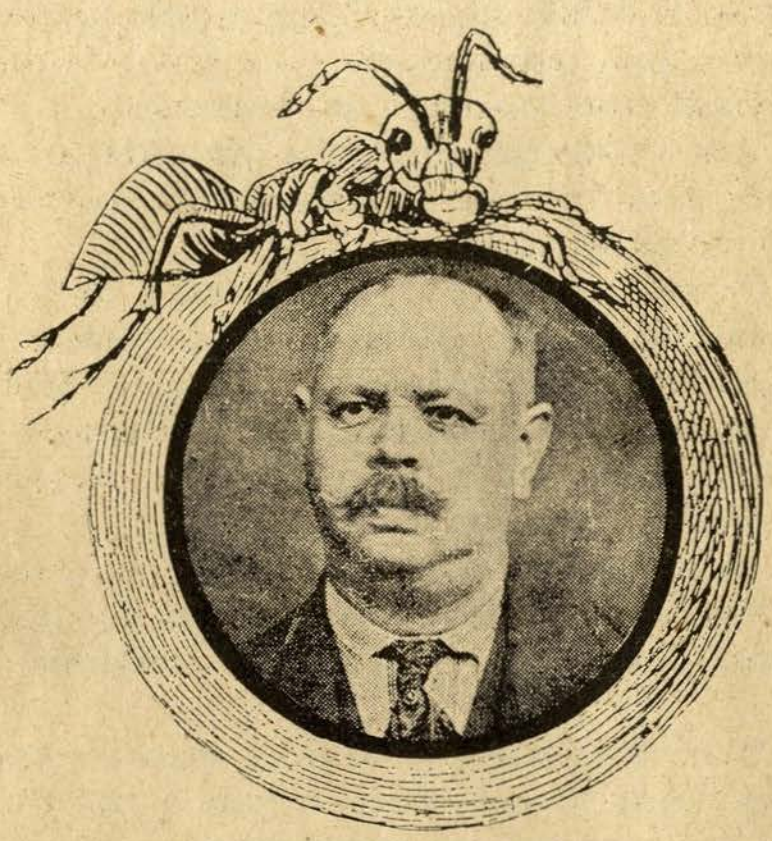
Alem d'isso, sei — e permite guarde para mim o nome da pessoa que tal me revelou — que te dedicaste d'alma e vida ao estudo intimo da famosa associação e que graças a um habil agente que possues, estás diariamente ao facto do que ela premedita e dos crimes que pratica. E' isto verdade ou não! O que respondes?

Perante tão categoricas informações, formuladas por um amigo, não ousei inganal-o.

— Tudo isso é certo, não o nego, o que porem te posso afirmar é que nada sei a respeito do assumpto que apenas me deixas-te entrever. Explica-te claramente e dize-me do que se trata.

Ele então poz-me ao facto de tudo o que lhe constava.

Como em breves dias deviam sêr julgados no tribunal marcial o dr. Carlos Lopes, José Casimiro e outros, acusados de conspiradores monarchicos, a formiga resolvera invadir o tribunal no dia do julgamento, e caso o jury absolvesse os reus como se rosnava, rompia a tea a um signal combinado e chaci-



O formiga Graça Balofo

nava reus, jury e advogados. Ora justamente um dos advogados era o Alexandre Braga, amigo velho do A... e seu companheiro de annos em ruidosas cêas e jantares fóra de portas.

— Já vês — concluiu ele por me dizer — que isto é uma infamia inominavel. Depois, o outro advogado é

o Cunha e Costa, um brilhantissimo talento e um republicano sincero e o presidente do jury, calcula tu, que é o nosso antigo camarada de Coimbra, o Gomes do hotel dos caminhos de ferro, o pandego do Gomes que é hoje um habil clinico e o que é mais espantoso ainda, um homem serio!

O Alexandre contou-me que já recebera varias cartas anonymas da formiga declarando-lhe que, se ele insistisse na defeza do José Casimiro seria apunhalado

— E o que respondeu ele? — perguntei já deveras interessado com a narração do meu amigo.

— Que o poderiam matar, mas que preferia morrer no seu posto de honra a abandonar um seu cliente a quem prometera auxilio.

— Optimo! optimo!... o Alexandre de vez em quando tem d'essas rajádas de brio e valentia — não pude eu deixar de murmurar, ao passo que notava com espanto perpassar nos labios do meu interlecutor um imperceptivel sorriso de ironia como que respondendo á minha sincera observação.

Calei-me porém para não passar por indiscreto.

— Mas emfim poder-me-has dizer em que te posso sêr util? — interroguei passado alguns instantes de silencio.

— Muito simplesmente. Vaes já mandar pelo teu melhor agente, põe-o ao facto de tudo o que te contei e pede-lhe para indagar minuciosamente o que eles premeditam e quem são os iniciadores principaes da famosa chacina.

— E depois?

— Depois, dize-lhe para voltar aqui passado amanhã, ás duas da tarde e apresentas-me o homem.

— Está bem — respondi-lhe — mas previno-te já de que o meu homem é muito desconfiado e de que o

conhecerás sob um dos seus aspectos varios e não propriamente como a natureza o fez.

— Indiferente, pois podes-lhe garantir da minha parte a maxima descrição e de que nem mesmo procurarei saber quem ele é. — respondeu-me o A... levantando-se com um sorriso de satisfação a iluminar-lhe a fisionomia palida.

— Pois eu deixo-te meu velho, agradeço-te infinitamente o teu amigo acolhimento e até depois d'amanhã. Ah! — fez ele já da porta — esquecia-me de dizer-te que o Alexandre julga, sêr o Cruz, sapateiro da rua do Mundo, o auctor das ameaças e o principal instigador dos meliantes.

Trocamos um ultimo aperto de mão e eu voltei a sentar-me á minha secretaria para escrever ao Rapoza me procurasse sem demora.

Efectivamente á hora de jantar entrava-me em casa o meu agente que me disse já ter ouvido rosnar alguma cousa a tal respeito. Que eu podia ficar completamente descançado pois que toda essa noite, o dia seguinte e a outra noite, lhe seriam suficientes para indagar o que eu desejava saber.

*
* *

Foi pois no sabado, dia combinado com o A... para o pôr em contato com o meu agente, que eu lhe apresentei o Rapoza, o qual tomara n'esse dia o aspecto d'um anarquista militante; grande barba negra em desalinho e farta cabeleira cujas melenas, irrompiam por debaixo das largas copas do seu chapeu mole.

— Assim poderei eu acompanhar V. Ex.ª onde queira — respondeu ele ao meu amigo que lhe pedira para se encontrarem na noite seguinte n'um café manhoso da baixa, onde tinha por habito encontrar-se com alguns dos seus companheiros de Federação que ele e o João Duarte haviam fundado havia pouco mais d'um anno.

O Rapoza exporia deante dos seus camaradas a tramoia traiçoeira que se preparava e eles assim mais facilmente acederiam ao pedido que tencionava fazerlhes — o arranjarem-lhe um grupo decidido de homens da federação que o acompanhassem ao tribunal e travassem — caso fosse preciso — uma batalha em regra com a formiga.

As informações que o Rapoza nos trouxe depois, condisiam por completo com as expostas na antevespera pelo A... afirmando-nos que o Graça Baloufo, o Marques da Tabacaria e o Borges das bombas eram os cumplices do Cruz sapateiro. Explicou-nos mais, que de todo esse trama, era o toureiro Manuel dos Santos, o alma damnada, o formiga dos mais ferozes e que votara ao José Casimiro um odio de morte lá por questões de toureio suscitadas na praça do Campo Pequeno. Que fora ele o principal denunciante do cavaleiro Casimiro e que jurara na Brazileira que se ele fosse absolvido nem assim escaparia da morte.

Eis a principal novidade que o Rapoza nos trouxe.

Combinado o rendez-vous para a noite seguinte no tal café da baixa entre o Rapoza e o A... visto o julgamento começar três dias depois, despedime dos dois pedindo ao A... com o maior interesse, me viesse pôr ao facto de tudo o que ocorresse no tribunal de Santa Clara.

Todos sabem a historia d'esse celebre julgamento,

O formiga Marques, da tabacaria

cujos debates pareciam não acabar perante a anciedade d'um publico numeroso que encheu o tribunal durante os 3 dias que ele durou, e os insultos e apupos com que a populaça acolhia, como sempre, a sahida dos advogados.

A formiga, imaginara dominar pelo terror o jury e obrigal-o a condemnação fatal dos reus, ainda que as

provas absolutorias fossem de ordem a tornal-a uma iniguidade. Já n'esse proprio tribunal, com outro jury, haviam obtido condemnações iniquas e que mais tarde se repetiriam com o julgamento dos oficiaes e paisanos implicados no celebre complot d'Evora. Mas, para que o leitor bem possa ajuisar de como se passou este celebre julgamento em que Casimiro e Carlos Lopes foram absolvidos por unanimidade apesar da pressão infame da formiga, vou limitar-me a narrar toda a hisioria como a ouvi da boca do meu amigo A... no dia seguinte ao da absolvição dos reus.

*

* *

Deixa-me primeiro que tudo —começou ele por dizer—dar-te parte do que eu e o teu agente fizemos na antevespera do julgamento, para arranjar a gente de que precisavamos para a defeza do tribunal e de como tudo se baralhou á ultima hora a ponto de eu, completamente desesperado, ir para o tribunal acompanhado apenas por dois amigos e pelo teu agente que por nada do mundo me quiz abandonar.

Quando eu em sua companhia, entramos no café, já ali se encontravam o João Duarte, o irmão, o Figueira e outros, a quem expuz claramente o que d'eles necessitava, mostrando a infamia monstruosa que se ia cometer em nome da republica o que o teu agente retificou.

N'esse momento, todos concordaram comigo e se puzeram desde logo ao meu dispôr — um d'eles até — o conhecido Biker, propangandista e orador de comi-

cios — disse-me logo: que me acompanharia sem falta, pois achava como eu, se não devia por forma alguma permitir se cometesse um acto tal. Conto-te isto porque ao tal Biker nem sequer mais vi, sabendo depois que na tarde da noite em que o veridictum foi pronunciado em Santa Clara, ele se pavoneara quixotescamente pelo Martinho, exibindo uma pistola e um revolver e declarando ir n'essa noite ao tribunal salvar os advogados que a formiga pretendia assassinar, mas indo realmente resonar o mais burguezmente possivel o sono dos egoistas medrosos.

Um outro, o Figueira, perguntou-me ironicamente, se: todo o meu zelo em salvar o tribunal não era simplesmente o motivo, a amizade que me ligava ao Alexandre,

O que é certo é que sahi do café com a promessa absoluta de que poderia contar com 40 homens firmes para introduzir no tribunal no momento preciso e assim salvar os meus amigos.

Chegou a famosa noite do julgamento e eu dirigi-me, logo depois de jantar, ao largo de Santa Clara onde n'um local combinado deveria encontrar a minha gente.

Calcula pois da minha surpreza quando ao chegar ali debalde procurei a gente da federação. Ninguem pois viera em meu auxilio.

Cheio de raiva, resolvi voltar ao Rocio, ao restaurante da Floresta, onde estava certo encontraria camaradas que me elucidassem do caso e, quando Já me encontrava perto do Arco de S. Vicente, achei-me repentinamente rodeado por um numeroso grupo que ao principio tomei por gente da Federação.

— Olha outro que tambem vem assistir á dança?

Olhei espantado o que assim me falava e reconheci

n'ele um sujeito que de ha muito conhecia de vista e todos me apontavam como formiga!

Confesso que n'esse momento me julguei perdido pois não podia duvidar de que me encontrava nem mais nem menos que entre um numeroso grupo da formiga cujo chefe era o individuo que me falara.

Audacia paga audacia — pensei — e assim pensando recobrei rapidamente todo o meu sangue-frio respondendo:

— E poderia eu faltar a uma festa d'esta ordem? Soaram algumas gargalhadas, murmuraram graçolas de aprovação e o chefe retorquiu apontando-me á sua gente:

— Então vocês não sabem quem elle é? E' o auctor d'aquelle livro que atirou com a côrte a terra, um dos nossos e dos mais direitos.

Precisava aproveitar o favoravel ensejo que me apparecia de repente, razão porque ao ver que essas fisionomias me olhavam já com interesse e sem desconfiança, eu lhes disse:

— Pois meus caros, sinto muito em os deixar, mas tenho ainda uma missão a cumprir antes que o baile começe. Até logo, álem... disse-lhes eu, indicando com o dedo as janellas do tribunal brilhando por entre as arvores, lá ao fundo do largo.

Rapidamente, fazendo-me o mais pequeno possivel lá consegui escapar-me por entre elles, chegando ao largo de S. Vicente coberto de suor e com o coração martelando-me furiosamente o interior.

Meter-me n'um electrico e correr á Florésta logo que cheguei ao Rocio, foi o meu primeiro cuidado.

Encostados á parede, alguns socios da federação tiveram um sorriso dubio á minha chegada. Pela presença ali de dois que um presentimento me indicara

AVISO

No proximo numero: continuação do

Assalto ao Tribunal de Santa Clara

A seguir publicaremos a morte do major Correia, os casos do general Jayme de Castro, Motta Capitão d'Evora, do assalto e roubo ao Club da Praça dos Restauradores, do assassinato do guarda da esquadra de S. Sebastião da Pedreira, incendio no Centro Catolico do Porto, gatunos disfarçados em sargentos do exercito, condução e espancamento de homens de bem, etc., etc.

Este folheto passa a publicar-se ás

Quin

80216029